

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA DA MODA PARA
A PRODUÇÃO TÊXTIL

Paula da Silva Carvalho
Nº de Matrícula: 001672-1
Orientador: Luiz Roberto Cunha
Tutor: Juliano Assunção

Dezembro, 2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA DA MODA PARA
A PRODUÇÃO TÊXTIL

"Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor."

Paula da Silva Carvalho
Nº de Matrícula: 001672-1
Orientador: Luiz Roberto Cunha
Tutor: Juliano Assunção

Dezembro, 2010

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	4
2 CONTEXTO HISTÓRICO	7
2.1 INDÚSTRIA TÊXTIL	7
2.2 INDÚSTRIA DA MODA	14
3 PANORAMA SOCIOECONÔMICO	19
3.1 IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DA MODA.....	19
3.2 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO SETOR ATUALMENTE	30
4 FEIRAS E <i>SHOWS</i>	34
5 TENDÊNCIA MUNDIAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL/MODA	36
6 CONCLUSÃO	43
7 BIBLIOGRAFIA.....	45

1 INTRODUÇÃO

A indumentária sempre fez parte da história da humanidade. Inicialmente, a vestimenta era utilizada pelo homem primitivo como forma de proteção contra o frio intenso. Utilizava-se o couro como matéria-prima, sendo a utilização deste material bastante difícil até o desenvolvimento de técnicas como o curtimento (utilizada até hoje) e a agulha de mão. Mais tarde, fibras animais e vegetais passaram a ser empregadas por povos que viviam em regiões temperadas, transformando-as nos primeiros tecidos produzidos pelo homem. A tecelagem, tal como a conhecemos hoje, foi possível através do estabelecimento de comunidades em áreas delimitadas que criavam animais. O velo extraído desses animais era tosquiado, resultando em um monte de fibras, que eram fiadas, e o fio resultante era, então, tecido em um tear.

Além de proteção, pudor e adorno são outros dois motivos que fizeram o homem cobrir seu corpo. E já no Egito antigo, era possível perceber a distinção entre diferentes classes sociais através de suas vestimentas.

Na Europa, o estabelecimento das Leis Suntuárias, a partir do século XIII, garantiu à classe dominante o uso de determinadas cores, tecidos e matérias-primas mais raras. Somente com a ascensão da burguesia e o advento da Revolução Francesa em 1789 tais privilégios deixaram de existir.

Entretanto, moda é um fenômeno novo e são muitas as definições que se dão a esta palavra. Eis as que mais se encaixam no contexto a ser analisado: 1. Uso, hábito ou estilo geralmente aceitável no tempo e resultante de determinado gosto, idéia, capricho, e das influências do meio. 2. Uso passageiro que regula a forma de vestir, calçar, pentear, etc. 3. Arte e técnica do vestuário. 4. Fenômeno social ou cultural, de caráter mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter uma determinada posição social.

Não se pode deixar de lado o fator psicológico por trás da vestimenta. A roupa sempre esteve associada a uma idéia de poder aquisitivo, de status. Assim, as camadas menos privilegiadas, admirando o estilo de vida dos mais abastados, tendem a buscar o mesmo padrão. E é assim que a moda no seu sentido efêmero acontece, através de um mecanismo de cópia e distinção. As classes mais baixas tentem a imitar a indumentária das classes mais altas, e então estas criam uma nova moda de forma a se distinguirem dos demais.

Com a Revolução Industrial, em meados do século XVIII, e em particular com desenvolvimento da indústria têxtil, a população passou a ter acesso mais facilitado a tecidos que antes eram exclusivos à elite. A invenção e o aperfeiçoamento da máquina de costura possibilitou a confecção de roupas em casa, mulheres costuravam para si e para os seus.

Em 1858, um comerciante inglês, Charles Frederick Worth, estabeleceu um ateliê em Paris e passou a assinar suas próprias criações. Nascia a alta-costura, a grande ditadora da moda até a chegada das grandes guerras.

No Brasil, as primeiras tecelagens de algodão surgiram em meados do século XIX, mas só produziam tecidos destinados ao ensacamento de café e à confecção de roupas dos escravos. Com a Segunda Guerra Mundial e a impossibilidade de importar bens de consumo, a indústria têxtil e de confecções brasileira prosperou. Sempre inspirada nas criações francesas, a moda brasileira começou a surgir com a vantagem de possuir uma grande oferta de matérias-primas.

Este estudo propõe uma análise das indústrias têxtil e da moda, seu contexto histórico e as relações entre estas. Será abordado também a importância sócio-econômica dos dois setores, assim como as perspectivas para o futuro e as dificuldades por eles encontradas.

Para a elaboração deste trabalho será feito, primeiramente, um estudo teórico através de publicações de diversos autores, traçando a evolução da indústria têxtil e da indústria da moda, fazendo uma definição do que seria a moda em seu sentido efêmero.

Serão analisados dados dos setores, através de instituições como ApexBrasil e ABIT, de forma a encontrar uma relação entre as duas indústrias, assim como delinear um panorama sócio-econômico para o setor. Relatórios publicados pelas mesmas instituições também serão considerados.

A partir de estudos já realizados por outros autores e/ou instituições, o próximo passo será a investigação sobre as dificuldades encontradas pelo setor nos dias atuais, como a concorrência com os produtos chineses e a redução da participação brasileira no mercado internacional.

Seguindo a mesma linha de pesquisa, será ainda discutida a perspectiva para os produtos brasileiros dentro do cenário mundial, e a importância das feiras e shows promovidos especialmente no Rio e em São Paulo.

Nesta monografia serão utilizados como fonte de dados os livros citados na bibliografia aqui especificada, assim como também sites como o da ABIT, ApexBrasil, ABRAFAS, Textila, TMF, BNDES, MDIC, ABDI e WTO.

A partir dos estudos realizados, buscou-se traçar um panorama histórico para as indústrias têxtil e da moda, afim de que a compreensão de como tais setores se comportam nos dias de hoje seja mais clara. Afinal, acredita-se existir uma co-relação entre as duas indústrias.

A indústria têxtil abastece a indústria de moda com matérias-primas, e a relação inversa se dá na medida em que o setor de vestuário gera uma demanda especializada para os produtos têxteis.

Portanto, espera-se confirmar a enorme importância do setor têxtil e confecções para a economia mundial e do país. Assim como a importância das feiras e shows realizados principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, movimentando milhões em vendas e incentivando exportações.

Por fim, através de uma análise das perspectivas para o setor, pretende-se encontrar um melhor cenário para os produtos brasileiros tanto no mercado nacional quanto internacional.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

O objetivo deste capítulo é contextualizar a história da indústria têxtil e da moda, contemplando os conhecimentos acerca de suas origens e seu desenvolvimento, até os dias atuais, com ênfase no cenário nacional.

2.1 INDÚSTRIA TÊXTIL

A chegada do setor têxtil no Brasil se confunde com o processo de industrialização do país. Na época colonial, a característica primordial era a incipiência da indústria têxtil, assim como sua descontinuidade.

Os procedimentos da política industrial eram dirigidos pela metrópole, completamente subordinados aos interesses da mesma, não se dando atenção às carências econômicas ou sociais da colônia. Dessa forma, políticas de estímulo ou restrição eram colocadas em prática de acordo com os interesses portugueses ou necessidades de obrigação frente a acordos comerciais com outros países.

Como exemplo de instrumento limitativo à industrialização há o alvará de D. Maria I, de 1785, que determinou o fechamento de todas as fábricas de tecidos de algodão, lã e outras fibras, salvo aquelas que produziam tecidos grosseiros com fins à vestimenta de escravos, enfardamento ou embalagens (IGLÉSIAS, 1993, p.78).

A decisão da extinção do fabrico de fiações e tecelagens então estabelecidas no país tinha como meta evitar o desvio de trabalhadores agrícolas para a indústria manufatureira, indo contra aos interesses de produtores rurais que perdiam mão de obra, assim como de nações manufatureiras que perdiam parcelas do mercado brasileiro.

Com a vinda de Dom João VI ao Brasil, o alvará de D. Maria I foi anulado, porém não foi verificado nenhum crescimento industrial significativo. Ao contrário, a indústria nacional sofreu mais prejuízos, dado que em 1810, a metrópole assinou tratados de aliança e comércio com a Inglaterra, por motivos de interesse próprio, dando privilégios aos produtos ingleses, reduzindo os direitos alfandegários a 15%, taxa inferior inclusive a aplicada aos produtos portugueses que ingressassem no Brasil (IGLÉSIAS, 1993, p.78).

Diante disto, a iniciante indústria têxtil brasileira não tinha condições de competir com os tecidos ingleses, impossibilitando a evolução da industrialização no país.

Dentro deste cenário a industrialização do Brasil não competia com os interesses das potências européias, principalmente a inglesa, maior potência na época.

Desse ponto de vista, a agricultura, a extração mineral e o comércio eram as atividades econômicas que representavam quase que unicamente a economia brasileira na primeira metade do século XIX (IGLÉSIAS, 1993, p.78).

O modelo econômico e social baseava-se no uso intensivo de mão de obra escrava orientado sobretudo para a produção de açúcar, café, algodão e a extração de ouro e diamantes. Existia uma escassez de oferta de trabalhadores e uma preocupação com a transferência destes para a indústria (PRADO Jr., 1970).

Este modelo com base na mão de obra escrava teve grande impacto negativo no crescimento industrial do Brasil, na medida em que desestimulava a vinda de imigrantes livres, além de absorver o capital disponível, dificultando o desenvolvimento da indústria.

Limitações ao tráfico de escravos impostas em meados do século XIX, fez com que o capital antes focado nesta atividade fosse disponibilizado para alocação em outras atividades, inclusive nas industriais. Vale ressaltar que neste período, agricultura e comércio eram atividades consideradas seguras e rentáveis, enquanto que as manufaturas resultantes da produção industrial não eram vistas com a mesma confiança (PRADO Jr., 1970, p.123).

Os estímulos iniciais à industrialização foram verificados em 1844 com a adoção de uma tarifa protecionista, conhecida como “Tarifa Alves Branco”, em referência ao nome do então Ministro da Fazenda Manuel Alves Branco (IGLÉSIAS, 1993, p.79).

Foram determinadas alíquotas substanciais para a importação de produtos manufaturados, o que incluía tecidos de algodão, fato que causou indignação de várias nações européias. A medida foi de grande incentivo à industrialização, principalmente para o ramo têxtil, se destacando como o setor precursor (PRADO Jr., 1970).

O Brasil de então já possuía uma modesta cultura algodoeira, provendo matéria-prima fundamental à indústria têxtil, assim como um mercado consumidor em ascensão. A Guerra Civil Americana, a Guerra do Paraguai e a abolição do tráfico de escravos destacam-se como acontecimentos que também contribuíram para o desenvolvimento da indústria têxtil (FURTADO, 2003, p.123).

A Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865) acarretou em uma redução na oferta de algodão oriundo deste país no mercado mundial. Assim, houve uma elevação nos preços, como consequência, fazendo com que os produtores brasileiros aumentassem suas produções,

beneficiando-se da circunstância. Ao término do conflito, com a posterior volta dos Estados Unidos ao mercado foi verificado um excesso de produção e oferta de algodão, levando os preços do produto a declinarem agressivamente entre 1873 a 1896 (FURTADO, 2003, p.124).

Com a Guerra do Paraguai (1865-1870) as finanças públicas brasileiras ficaram em situação um tanto quanto fragilizada, incentivando o governo a aumentar a cobrança de tarifas alfandegárias para fazer frente ao esforço de guerra. Este aumento nas tarifas resultou em um desencorajamento em relação às importações de produtos têxteis, estimulando a produção local (FURTADO, 2003, p.125).

O tráfico de escravos era um negócio de grande importância econômica, e grandes montantes de capital e investimento eram destinados a esta atividade. Com o fim do tráfico de escravos, o capital antes aplicado neste negócio tornou-se disponível para ser investido em novas atividades. O investimento em indústrias têxteis era uma opção viável.

Nas décadas de 70 e 80 do século XIX, a cafeicultura paulista assistia a uma crise motivada pelo esgotamento do solo, envelhecimento da mão de obra escrava (o tráfico de escravos já havia sido abolido) e prenúncio de abolição da escravatura. Este cenário motivou os cafeicultores paulistas a buscarem novas alternativas de investimentos, diversificando suas aplicações (FURTADO, 2003, p.125).

No final do século XIX, as condições para a instauração de uma indústria têxtil eram favoráveis. A abolição da escravatura deu margem para atrair imigrantes livres em busca de trabalho. Havia oferta de máquinas e equipamentos provenientes de países em fase de industrialização avançada, como Inglaterra, França e Estados Unidos, que forneciam também técnicos para fazer instalação e manutenção da aparelhagem. A forma de produção que predominava na época baseava-se em fábricas integradas que tinham o controle de toda a cadeia produtiva têxtil, responsáveis pela fiação até o acabamento do produto (FURTADO, 2003).

Em seu início, a indústria têxtil brasileira utilizava-se da mão de obra escrava como principal fonte de trabalhadores. A partir da metade do século XIX, esta foi sendo gradativamente substituída por trabalhadores assalariados. Imigrantes contavam com a ajuda do governo para entrarem no país, facilitando suas entradas. Estes já haviam presenciado a revolução industrial em seus países de origem, se tratando de profissionais como artesãos, mecânicos e técnicos com experiência em fiação e tecelagem. Trabalhadores estrangeiros

eram de extrema necessidade não apenas por possuírem habilidades para executar funções operacionais, como também para instruir a mão de obra local (PRADO Jr., 1970).

Posteriormente, em período de Proclamação da República, o Brasil já possuía uma sólida indústria têxtil algodoeira, sendo o começo de uma era de crescimento e lucratividade. Contando com estabilidade política e econômica no início do século XX, a indústria prosperou (FURTADO, 2003).

O setor têxtil verificava grandiosos lucros com risco razoavelmente baixo, contando com a ajuda de uma proteção tarifária que dificultava as importações. A propriedade das fábricas têxteis era mantida nas mãos de um restrito número de famílias. Os produtores das indústrias têxteis estimavam seus preços sem considerar seus custos de produção, mas consideravam o custo de importação forçadamente elevado devido às tarifas aduaneiras, permitindo lucros exorbitantes (PRADO Jr., 1970).

Um aspecto importante desta época foi a concentração da indústria têxtil na região sudeste, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo. Crescimento econômico, urbanização e a evolução da indústria têxtil promoveram o surgimento de novos grupos sociais. Trabalhadores rurais insatisfeitos nas fazendas cafeeiras, deparavam-se com limitações em suas manifestações. Grande parte dos imigrantes, dispersos por fazendas isoladas, achavam dificuldade no estabelecimento de uma ação reivindicatória. O operariado do setor têxtil situado nas grandes cidades conseguia reunir condições para se organizar (FURTADO, 2003).

Neste momento se verifica o aparecimento dos sindicatos e das comissões de fábrica. A incipiência do movimento de mobilização dos trabalhadores fica demonstrada na “pequena representatividade e descontinuidade temporal da organização sindical” (HOLANDA, 2005, p.73).

Na maioria dos casos, os sindicatos não atingiram grande adesão da categoria. Em outras ocasiões o empenho após um período de greve atingia graus estimulantes, o que se esgotaria em curto tempo. A insignificância do movimento operário do começo do século XX é fato reconhecido dos dias atuais como o era na época. A organização patrão-empregado e a baixa qualificação do trabalho faziam com que os esforços do movimento operário produzissem pouco, obtendo resultados insignificantes (HOLANDA, 2005, p.74).

As condições normais de trabalho na indústria têxtil eram de total insegurança e máxima exploração. Com frequência, os trabalhadores alugavam unidades habitacionais das companhias têxteis em que se empregavam. Estas, por estarem situadas frequentemente

afastadas de comércio, mantinham comércios para fornecer aos empregados gêneros alimentícios e outros bens de consumo, habitualmente cobrando preços exorbitantes.

Conforme Holanda (2005), a indústria reunia vários operários por unidade e alto grau de mecanização, dificultando a relação do trabalhador com o produto manufaturado. Esta dificuldade de se identificar com o produto gerava insatisfação no trabalho e afastamento social, ocasionando relações de conflito no trabalho.

De acordo com Furtado (2003):

O setor têxtil concentrava metade da força de trabalho industrial do país e a mecanização diminuía o valor da mão de obra, atraindo mulheres e crianças. A força muscular não é tão imprescindível no setor têxtil mecanizado. As tarefas essenciais são de vigilância e flexibilidade manual, consistindo fundamentalmente em reatar fios partidos. (FURTADO, 2003, p.127)

A visão do empresariado industrial levava em consideração o esforço do empregado que teria pouco efeito na produção, e esta se atingiria pela mecanização combinada com o regime da força de trabalho.

Com o começo da Primeira Guerra Mundial, o Brasil que já era encarregado de um relevante parque têxtil, capacitação técnica e sistema de distribuição, encontrou-se incentivado pela diminuição da oferta de produtos por parte dos países relacionados com a guerra. Os trabalhadores rurais, operários de fábricas, empregados domésticos e outros níveis de trabalhadores urbanos necessitavam de tecidos de algodão e consumiam o produto nacional (HOLANDA, 2005).

A guerra pode ser vista como fator decisivo para estabelecer a indústria têxtil no Brasil. A limitação da capacidade do país de importar propiciou a chance de desenvolvimento da produção interna no espaço deixado pelo não-suprimento externo de tecidos. Dessa forma, a interrupção do fluxo de entrada de artigos vindos do exterior, pela concentração dos países da Europa e dos Estados Unidos no esforço da guerra, funcionou como elemento de estímulo para o desenvolvimento da indústria nacional.

Sendo assim, com o término da guerra, a indústria têxtil nacional fornecia cerca de 80% dos tecidos de algodão consumidos no Brasil, sendo que apenas os produtos importados de melhor qualidade podiam competir com os tecidos de fabricação nacional (HOLANDA, 2005, p.75).

Neste período, a indústria têxtil do Brasil, para aumentar sua produção, foi posta diante de duas formas: exportar ou se concentrar na fabricação de tecidos de qualidade superior, que

até o momento eram importados. Isto motivou a melhora da qualidade e o crescimento de produtos mais finos.

Dessa forma, com o término do conflito nos anos de 1920, houve desânimo na atividade têxtil devido a retomada das importações de tecidos diante da dificuldade de competição com os semelhantes estrangeiros que eram vendidos no Brasil a preços menores aos que eram cobrados em seus países originários (HOLANDA, 2005).

Por pressões da indústria têxtil, em 1929, o Estado aprova uma taxa de importação de produtos têxteis que teve impacto significativo na limitação das importações brasileiras.

Segundo Holanda (2005), a chamada “Grande Depressão”, verificada pela economia dos Estados Unidos em 1929 veio cessar o extenso período de prosperidade que a indústria têxtil presenciou desde ao início da República. A exportação de matérias-primas agrícolas era relevante para o poder de compra dos consumidores nacionais. Dessa forma, o declínio no preço internacional dos produtos agrícolas observado no período fez com que a procura por produtos têxteis tivesse significativa retração.

Contudo, a Crise de 1929 teve seu ponto positivo para a indústria têxtil. A capacidade de importação foi vigorosamente diminuída, levando praticamente todos os países a praticarem políticas de substituição de importações, incentivando a produção interna (FURTADO, 2003).

A Revolução liderada por Vargas na década de 1930 estabeleceu a troca do eixo de influência do poder do café para a indústria. O setor têxtil conseguiu convencer o governo revolucionário de que a única maneira de reduzir o excesso da produção de tecidos de algodão que se verificava na atual conjuntura seria impedir as importações de maquinário.

Em 1931, o presidente Vargas restringiu a importação de maquinário para indústrias cuja produção fosse vista como excessiva, a juízo do governo. A indústria têxtil foi moldada na categoria.

Mesmo após o final das restrições, o setor têxtil continuava a insistir na tese da superprodução, e em 1938, o governo Vargas submeteu a questão ao Conselho Técnico de Economia e Finanças, encarregado de efetuar um estudo detalhado da situação da indústria têxtil, visando esclarecer a existência ou não de superprodução. A comissão concluiu pela não existência de superprodução (HOLANDA, 2005).

Conforme Furtado (2003), com o advento da Segunda Guerra Mundial, referindo-se ao ramo têxtil, as fábricas expandiram-se, gerando mais emprego a fim de atender o mercado

interno e, ainda, exportando para mercados relevantes, principalmente da Europa e dos Estados Unidos.

Para Holanda (2005), a discussão sobre superprodução se tornou ultrapassada, na medida em que toda produção excessiva era importada pelos países em guerra. Pouco a pouco, os produtos têxteis europeus e japoneses foram saindo do mercado.

No início da década de 40, pôde-se observar o crescimento da indústria têxtil devido as inúmeras oportunidades comerciais advindas de vários países.

O extraordinário desenvolvimento das exportações e dos lucros da indústria têxtil levou o Governo Federal a se preocupar com o abastecimento interno. A ameaça de congelamento de preços circulava o setor. As entidades de classe do setor resistiram e negociaram com o Governo Federal o que se chamou de “Convênio Têxtil”. O setor têxtil era representado por um comitê sediado na Associação Industrial do Rio de Janeiro.

Em 1944, Vargas anunciou a mobilização da indústria têxtil, por ser esta de interesse militar, criando a Comissão Executiva Têxtil com poderes para determinar as diretrizes administrativas e operacionais das empresas.

Segundo Prado Jr. (1970), ao final da Segunda Grande Guerra, os fornecedores de produtos têxteis aos mercados, que o Brasil conquistou durante a guerra, se moveram para retomá-los. Os preços do produto brasileiro eram muito altos, encontrando dificuldade na competição internacional.

Prado Jr. (1970) afirma que:

Os benefícios notados pela indústria têxtil durante a guerra eram impactados na nação em forma de poucos produtos e altos preços. Com a normalização vagarosa do mercado internacional, o Brasil perdeu clientes externos e as exportações diminuíram a graus insignificantes, fazendo com que as exportações se reduzissem ao mínimo nos anos seguintes. Os investimentos foram cessados e a defasagem tecnológica do equipamento em uso ficou evidente (PRADO Jr., 1970, 154).

Sendo assim, partindo da segunda metade da década de 50 o setor têxtil, refletindo o crescimento industrial da época, começou a passar por muitas transformações.

Para Prado Jr. (1970), na década de 60, o setor têxtil foi introduzido entre os grupos preferenciais de indústrias motivado pelo Governo Federal, no âmbito do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), passando a dispor de crédito beneficiado por parte do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Na década de 70 foram permitidos incentivos fiscais para a importação de máquinas e equipamentos, na espera de modernização do parque produtivo da indústria nacional. Houve também nesta década, uma combinação de políticas de incentivos e proteções fiscais relacionadas ao crédito em condições favorecidas concedido pelo Governo Federal que criou um ambiente protegido para a indústria têxtil, visando principalmente a troca de importações e o crescimento das exportações nacionais (HOLANDA, 2005).

Na década de 90, o setor têxtil foi exposto à concorrência internacional por meio de diminuição de alíquotas de importação protecionistas, extinção de barreiras não-tarifárias e por processos de integração econômica em blocos. Até a abertura econômica constatada no início da década de 90, a indústria têxtil brasileira era detentora de um mercado interno cativo e protegido das importações.

O processo de crescimento da indústria têxtil do Brasil, anterior à década de 1990, exhibe modelos que podem ser vistos em diferentes níveis em toda a sua trajetória, conforme cita Holanda (2005):

Dependência da proteção tarifária, impedindo a entrada de produtos estrangeiros; Grande influência política que a indústria têxtil exerce, participando ativamente do processo de definição de normativos e legislações que regulam o setor; Baixos investimentos em qualificação e tecnologia; Lucros provenientes de exploração da mão de obra barata e dos benefícios e proteções governamentais; Períodos de crescimento e de acesso aos mercados internacionais resultantes mais de ineficiência de concorrentes internacionais que da eficiência da indústria local (HOLANDA, 2005, p.80).

Estas proposições foram rigidamente afetadas na década de 1990 quando ocorreu um processo de abertura comercial radical, revelando uma indústria tecnicamente atrasada e acostumada a um mercado sem liberdade à feroz concorrência internacional (HOLANDA, 2005).

2.2 INDÚSTRIA DA MODA

Até meados do século XIX não se conhecia alta costura no sentido que existe hoje. A roupa feminina dos segmentos mais abastados era feita por artesãs habilíssimas; mas elas eram simples executantes, conformadas em satisfazer ideias, preferências ou caprichos de suas senhoras ou de suas clientes. (DURAND, 1988)

Durante séculos, ninguém admitia ser possível reivindicar, na concepção e na confecção de vestidos finos, o reconhecimento da autoria de um trabalho artístico. Há vestidos

magníficos, não se sabe concebidos por quem, como o de Madame de Pompadour, pintado por Boucher em 1745. A indumentária dos poderosos do passado chegou aos nossos dias por intermédio da pintura, esta sim considerada arte maior, onde o autor assina o que faz.

A situação começou a mudar em 1858. Foi nesse período que Charles Frédéric Worth, comerciante inglês estabelecido em Paris no ramo de tecidos finos, abriu um ateliê de costura, para mulheres dos mais altos círculos da corte de Napoleão III. Um vestido que desenhou para a princesa de Metternich foi tão elogiado pela imperatriz Eugênia, que ele logo ganhou fama e prestígio. E assim, uma clientela segura e fiel na aristocracia e na alta burguesia de Paris.

Mas, ao invés de sujeitar-se ao que suas clientes queriam, Worth passou a desenvolver ideias próprias. Mediante desenhos aquarelados ou o desfile de modelos envergados por moças de seu ateliê, Worth apresentava previamente suas ideias à clientela, recolhendo encomendas que executava sob medida. (DURAND, 1988)

Com o tempo e o sucesso dessas novas técnicas, a *maison* Worth ganhou nome e ele acabou sendo celebrado como o fundador da alta costura. Ao deixar a vida ativa, em 1889, Worth legou o estabelecimento aos filhos, que ainda desfrutaram por certo tempo do prestígio conquistado pelo pai.

Mas não se deve entender o eventual talento e os métodos de trabalho de Worth como responsáveis pelo prestígio da costura de luxo e pela fama dos costureiros com pretensões artísticas. Durante os trinta anos que Worth esteve à frente de seu ateliê, muita coisa acontecia à sua volta, repercutindo direta ou indiretamente na prosperidade de seus negócios e na reputação e consolidação da costura “assinada”.

Considere-se de início que o longo regime do imperador Napoleão III (1854-1870) foi um governo de reunificação nacional e de conciliação de interesses entre antigos e novos aristocratas e ricos burgueses. Em uma corte heterogênea, com várias facções em luta, era indispensável que uma casta determinada controlasse os códigos de gosto. Isso abria espaço para alguém que chegasse de fora, circunstância que o inglês Worth soube aproveitar. (DURAND, 1988)

Como a fase em questão era economicamente próspera, havia clima favorável para que famílias de antigas ramificações aristocráticas e novas fortunas burguesas pudessem entrelaçar-se, tendo muito a festejar. Napoleão III contribuiu remodelando Paris e abrindo grandes avenidas e locais para novos lazeres de elite, como o turfe, a ópera e outros. Em 1857 foi inaugurado o Hipódromo de Longchamp, no Bois de Boulogne, um bosque nos arredores

de Paris, onde as elites faziam caminhadas ao ar livre e, mais para o final do século, passeios de bicicleta e de automóvel. A seguir veio a *Belle Époque*, uma nova quadra de requinte e intensa sociabilidade burguesa, que durou até às vésperas da Primeira Guerra Mundial.

Além de contar com uma clientela rica e disposta a gastar, o período de Worth coincidiu com um importante surto de novas técnicas industriais e comerciais. A litografia difundiu-se, aperfeiçoando a imagem das revistas de moda, que todos os anos despontavam numerosas e em grandes tiragens. (DURAND, 1988)

A cada década, na segunda metade do século XIX, surgiam em Paris umas quarenta novas revistas dedicadas à moda, muitas delas atingindo o exterior e ficando em circulação por muito tempo. Só para uma ligeira ideia da importância da imprensa de moda na época, destaca-se que o *Petit Echo de la Mode*, fundado em 1878, vendeu no ano de 1900 nada menos de 2 milhões de exemplares, algo equivalente à tiragem inteira de uns 3 ou 4 números da mais importante revista no Brasil de hoje. (DURAND, 1988)

As novas avenidas permitiram deslocamento mais fácil da população parisiense. Isso fez possível o surgimento de grandes lojas de departamento e com elas, a venda por reembolso postal. Quase todos os importantes magazines de Paris são dessa época. *Au Bon Marché* é de 1852; o Louvre, ao lado do célebre museu é de 1855; o Bazar de *l'Hôtel de Ville* (BHV), foi fundado em 1856, sendo *Au Printemps* de 1865 e *La Samaritaine* de 1869. (DURAND, 1988)

As estradas de ferro integraram o interior da Europa a suas capitais, e a construção delas em outras partes do mundo permitiu alargar enormemente as vias de comércio. A navegação a vapor possibilitou entregas mais seguras e três vezes mais rápidas do que os barcos a vela, aposentados entre 1860 e 1870. (DURAND, 1988)

A partir dos anos de 1890, o setor de bens e serviços de luxo de Paris tinha uma clientela não mais apenas francesa, mas internacional. Novas fortunas, derivadas da internacionalização do capitalismo, levavam magnatas de todas as partes à arte, ao luxo e ao prazer, desfrutáveis em Paris. É claro que a maré continuava boa para a alta costura. (DURAND, 1988)

O fundamental desta primeira fase da alta costura (1858-1914) é que nela, o costureiro de renome “dita” a moda, vestindo mulheres de “elite”. São estas, em sua vida social exibida na imprensa, nos cafés, nos salões e nos romances, que difundem os novos modelos. Invertendo os termos, nessa época a roupa de “elite” se impõe, porque o estilo de vida e os

padrões de gosto de quem a veste são invejados e imitados pelos segmentos de pequenos e médios proprietários e dos profissionais de classe média que estão em lugar mais baixo na hierarquia social. O termo “*chic*” surge nessa época, significando alguém elegante e, ao mesmo tempo, com desenvoltura social. E havia muita gente ansiosa por se desenvolver socialmente. (DURAND, 1988)

Segundo Partington (1992):

Após o final da Segunda Grande Guerra os parâmetros começam a mudar e o direcionamento principal é dado à produção em série *prêt-à-porter*¹, que viabiliza a moda criada por estilistas para as grandes massas crescentes nos centros urbanos. Christian Dior é uma das figuras mais importantes desta mudança, seu *New Look* revolucionário de 1947 retira das cinzas as *maisons* parisienses, drasticamente afetadas pela guerra e pela invasão alemã na França. Dior é chamado por alguns como o “*moderniser of the Haute Couture*”, por ser o estilista que moderniza o conceito da Alta Costura, contribuindo para o início do *prêt-à-porter* (PARTINGTON, 1992, p.151).

Nesta mesma época começa a popularização da televisão que por sua vez influencia “a forma e o gosto de vestir da população”, associado ao surgimento de inúmeras revistas femininas que exibem em suas edições as tendências do momento.

De acordo com Partington (1992):

A moda inicia seu processo de transição do elitismo dos anos dourados, dominados pelos grandes estilistas, para a nova moda massificada das ruas, da mídia e inspirada intensamente pela juventude, surgindo assim a indústria da moda (PARTINGTON, 1992, p.152)

A década 1950 foi marcada por um “modelo vertical de imitação da moda criada dentro do ambiente de elite e imitada pelas massas” (PARTINGTON, 1992, p.148).

Neste tipo de modelo, o gosto é ditado pelas mais altas classes sociais e pelos grandes estilistas; e somente depois chega até as classes populares. De acordo com Partington (1992, p.149), “no momento que alcança as massas esta moda deixa de ser vanguarda e é necessária a criação de novas modas inovadoras”.

No final século XX, surge com força maior um efeito inverso ao modelo vertical, denominado por Gerardi (2002, p.33) de modelo horizontal, onde a “influência é agora determinada nas ruas, pelos jovens e pelas camadas baixas que influenciam a grande moda”.

¹ Tradução: pronto para vestir.

Surge nas décadas de 50 e 60 um relevante comitê regulador e viabilizador do funcionamento das engrenagens da moda.

Foi criado em 1955, na França, o Comitê de Coordenação das Indústrias de Moda (CIM), cuja principal missão era fornecer aos diversos elos da cadeia têxtil, das fiações à imprensa, indicações precisas e coerentes sobre as tendências (CALDAS, 2004, p.56).

Este comitê pregava que a moda padronizada deveria ser seguida pela indústria, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento da indústria de confecção, passando a ser responsável por determinar o que está “na moda” e do que estava “fora de moda”, divulgando as informações aos inúmeros elos da cadeia têxtil, pautado em múltiplas pesquisas e viabilizando com isso, “uma predominância estética na moda comercial sem precedentes” (CALDAS, 2004, p.57).

É relevante ressaltar que foi na década de 1970 que começaram a aparecer as roupas produzidas em larga escala, à exemplo das calças *jeans*, as camisetas e demais peças que favorecem o conforto e o estilo casual.

O traje esportivo nasce a partir da ideologia do corpo, uma nova coerência entre viver melhor uma nova pele e a realidade do contexto urbano. Se apropria do asfalto, corpo dominado, desejo de expressão corporal, nova conscientização do corpo e do ambiente. (VINCENT-RICARD, 1989, p.169)

Na década de 80, surge a era *Yuppie*, marcada pela idéia de que os bens materiais devem estar em primeiro lugar, estando presentes nos corredores dos *Shoppings Centers*, através das *griffes* mais desejadas e das marcas de artigos esportivos, estampadas nas mais diversificadas roupas, demonstrando que nesta época o mais importante era usar ‘a marca’ (VEBLEN, 2003, p.234).

Os anos 1990 ficaram marcados por um estilo mais despojado e menos compromissado com a questão ideológica muito marcante nas subculturas juvenis (VEBLEN, 2003, p.235). Esta década ficou fortemente marcada pela busca do individualismo e exclusividade. Com advento da globalização, onde o que era apenas regional deixa de existir, o consumidor passa a clamar em ter peças exclusivas, buscando por roupas diferenciadas, e dessa forma surge o conceito da moda customizada (VEBLEN, 2003). No século XXI, pode-se notar o crescimento da chamada moda *fast-fashion*².

² Tradução: moda-rápida.

3 PANORAMA SOCIOECONÔMICO

O objetivo deste capítulo é descrever o cenário socioeconômico das indústrias têxtil e da moda. Dessa forma, torna-se relevante descrever o processo da cadeia têxtil, uma vez que o final de seu processo culmina na indústria da moda. Em um segundo momento, buscou-se abordar questões relacionadas à evolução da demanda e da produção de artigos têxteis, bem como a migração da produção e a análise do comércio de têxteis com relação ao Brasil e ao mundo.

3.1 IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DA MODA

A cadeia têxtil e a de confecções estão interligadas. A dinâmica da cadeia têxtil é bastante influenciada pelo mercado final, sendo seu maior consumidor a própria indústria de confecções, ou seja, da moda enquanto seus avanços tecnológicos decorrem de avanços na produção das matérias-primas, principalmente no desenvolvimento de fibras sintéticas e no desenvolvimento de máquinas e equipamentos.

O processo de produção da cadeia têxtil e confecções inicia-se com a matéria-prima sendo transformada em fios, seguindo para a tecelagem, beneficiamento de tecidos e confecção. Essas etapas possuem características próprias, havendo descontinuidade entre elas.

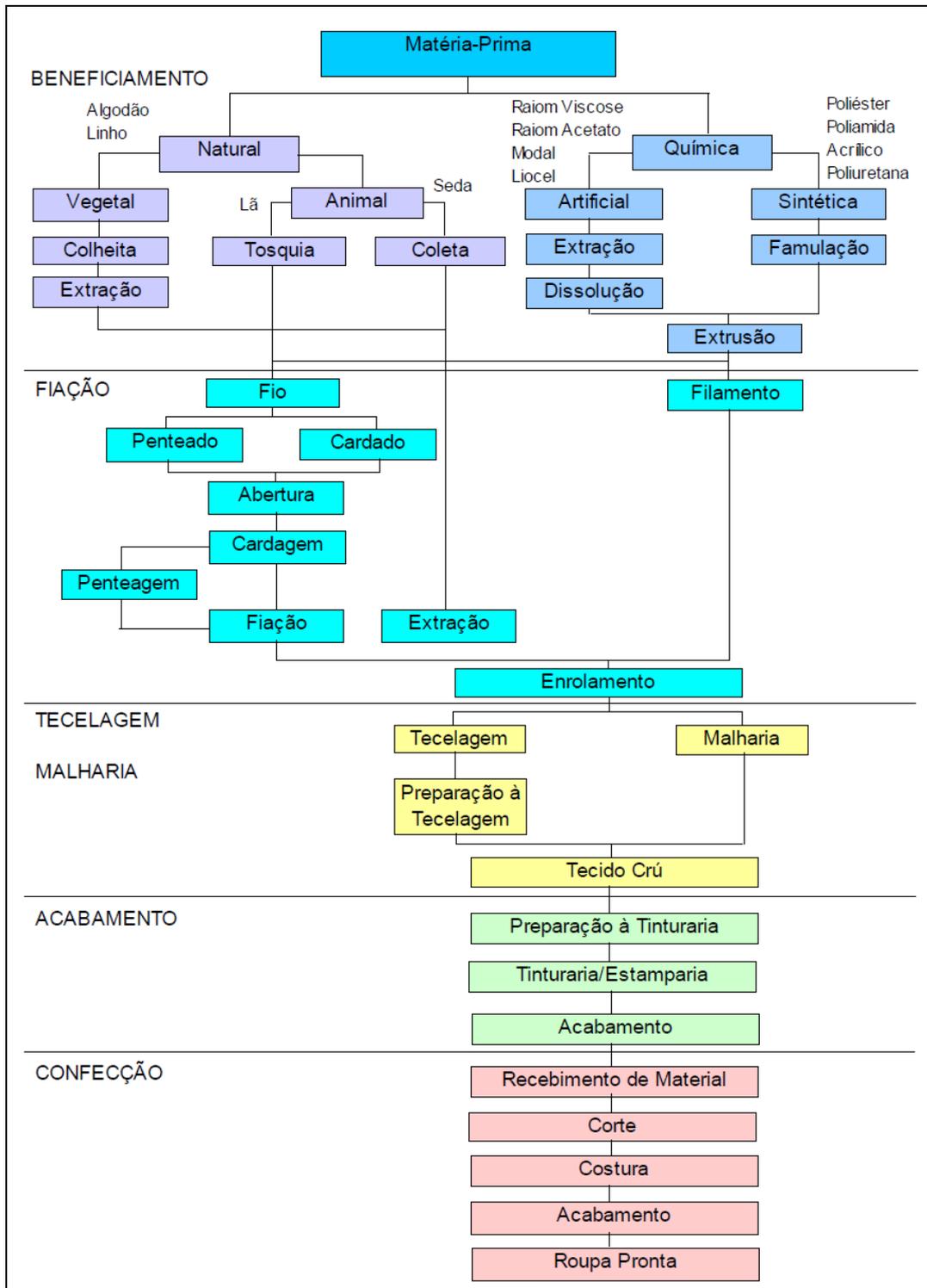
Por causa da descontinuidade de suas operações, a indústria têxtil possui grande flexibilidade no que diz respeito à organização da produção e à existência de firmas com diferentes escalas de produção e níveis tecnológicos. Isso faz com que a eficiência de cada elo da cadeia seja de suma importância para a competitividade do setor como um todo, sendo a qualidade final dos produtos dependente da qualidade obtida em cada etapa de produção.

A melhor visualização da composição de todo o complexo da cadeia têxtil/confecções pode ser obtida através da análise do fluxograma apresentado na Figura 1.

Segundo Prochnik (2008), verifica-se que a primeira etapa da cadeia produtiva é a de beneficiamento de fibras naturais, artificiais e sintéticas, seguida da etapa de produção dos fios. As fibras naturais são aquelas de origem animal e vegetal e são retiradas prontas da natureza, dando origem a tecidos como o linho, lã e seda. As sintéticas são obtidas ao se regenerar polímeros naturais como a celulose, originando tecidos como viscose e acetato. Já

as fibras sintéticas são produzidas através de matéria-prima química, criando tecidos como poliéster e acrílico.

Figura 1: Processo Produtivo na Cadeia Têxtil/Confecções



Fonte: IEMI (2002)

Na etapa de fiação, as fibras naturais são orientadas (paralelizadas) numa mesma direção e torcidas a fim de prenderem-se umas às outras pelo atrito. Já os filamentos obtidos de fibras não-naturais (artificiais e sintéticas) passam pela etapa de extrusão (processo no qual uma substância pastosa é pressionada através da fiação), sendo endurecidos através de uma operação de solidificação.

Para se chegar à produção dos tecidos existem processos técnicos distintos, sendo os mais utilizados a tecelagem e a malharia. Através do processo de tecelagem é obtido um tecido plano, através do entrelaçamento de um conjunto de fios em ângulos retos num tear. Já na malharia, a técnica utilizada consiste na passagem de uma laçada de fio através de outra laçada.

Uma vez produzido o tecido, o mesmo passa pelas etapas de acabamento e confecção onde, através de um conjunto de operações, irá adquirir conforto, durabilidade, propriedades específicas e forma, para ser lançado no mercado como produto final, ou seja, na indústria da moda (PROCHNIK, 2008).

Da análise da Figura 1 compreende-se que a diversidade da cadeia têxtil/confecções é muito grande, onde cada setor é composto por segmentos diferenciados, de acordo com os insumos utilizados, com o uso diversificado de cada produto final e com as estratégias empresariais envolvidas.

Como a estratégia central das empresas da cadeia têxtil/confecções é a diferenciação dos produtos, de acordo com Prochnik (2008), verifica-se então uma tendência cada vez maior à ampliação da diversidade da própria cadeia.

Além disso, a cadeia têxtil/confecções possui grande interdependência entre seus setores produtivos, segmentação de mercado, além de fácil acesso a tecnologia e às matérias-primas. Estas razões, aliadas ao fato da qualidade dos produtos e da competitividade do setor estarem associados à eficiência de cada elo da cadeia produtiva, fazem da indústria têxtil uma indústria de fácil implementação e, por isso, muitos países passaram a produzir produtos têxteis. No entanto, dadas algumas restrições de implementação, como as questões climáticas, financeiras, tecnológicas e de mercado, muitos poucos países no mundo implementaram todo o complexo industrial têxtil (PROCHNIK, 2008).

O término da cadeia é a indústria da moda, a qual se caracteriza por um alto grau de diferenciação de matérias-primas, processos produtivos e porte das empresas. É o elo da

cadeia que mais se utiliza de mão de obra para o processo produtivo, caracterizando-se como uma das maiores empregadoras de atividades industriais em todo o mundo.

Dada a sua grande heterogeneidade em produtos finais, devido ao seu mercado consumidor ser segmentado por faixa etária, sexo, idade, nível de renda, entre outros, que, segundo a Associação Brasileira do Vestuário (Abravest), constitui-se em vinte e um segmentos distintos, sendo o mais representativo o segmento de confecção de vestuário que emprega, aproximadamente, 80% da mão de obra e representa cerca de 83% das empresas inseridas na indústria de confecções têxteis (ABRAVEST, 2009).

O processo produtivo da indústria da moda, de acordo com o Sebrae (2010), pode ser generalizado, independente do porte da empresa e tipo de peça a ser produzida, conforme a ordem de fases produtivas apresentada na Figura 2.

Figura 2: Fluxograma do Processo de Fabricação de Peças de Vestuário

Criação de um Novo Modelo de Peça de Vestuário	Desenho
	Modelagem
Processo de Preparação do Tecido para o Corte	Enfesto
	Risco
	Corte
Identificação das Partes Cortadas	Codificação
Processo de Montagem (costura) da Peça.	Preparação
	Fechamento
	Acabamento
Controle de Qualidade das Peças Confeccionadas	Inspeção Final
Preparação Final da Peça de Vestuário para o Recebimento da Embalagem	Passadoria
Acondicionamento da Peça de Vestuário para o Transporte	Embalagem
Processo de embarque e transporte para o Cliente Varejista	Expedição

Fonte: Elaboração própria

1) Criação: esta fase consiste no desenvolvimento de peças de vestuário, observando tendências da moda e mercado como: cores, tecidos, estilos. A forma de criação varia de empresa para empresa, sendo facultativo, principalmente nas micro e pequenas empresas, o uso de estilistas profissionais;

2) Elaboração de moldes: após a elaboração do desenho técnico da peça de vestuário, esta, através de operação manual ou com o uso de *software* especializado, é confeccionada em papel; todas as partes desconectadas da peça inteira desenhada servem como matriz para o corte do tecido;

3) Corte: corresponde numa das principais fases do processo produtivo, tendo implicitamente a função de otimizar o máximo uso do tecido evitando perdas, está dividida em três subfases:

a) enfiesto: é a colocação de várias camadas de tecido a serem cortadas em cima da mesa de corte;

b) risco: constitui-se na colocação das partes (moldes) da peça em cima do tecido, prevendo o menor desperdício, observando o sentido da fiação, padrões e características do mesmo;

c) corte: é o momento em que se processa o corte das várias camadas do tecido referentes a partes específicas do molde, podendo ser manual ou com o uso de equipamentos específicos (cerra de corte, etc.);

4) Codificação: é a operação de identificação de todas as partes da peça de vestuário, de forma a agilizar e evitar erros na montagem final; geralmente são feitos fardos tendo em cima o molde ou identificação através de etiquetas;

5) Costura: é a principal fase do processo, responsável pelo maior número de funcionários de uma empresa, seguindo o preceito de “cada máquina um operador”, está dividida em três subfases:

a) preparação: resume-se na preparação das partes da peça, a serem unidas de acordo com a codificação;

b) fechamento: é a operação de encaixe das peças de acordo com a preparação;

c) acabamento: é a fase na qual são adicionados os acessórios da peça de vestuário tais como: botões, bordados, etiquetas, etc.;

6) Inspeção final: é a verificação final da peça de vestuário já totalmente montada, executada por supervisores da qualidade, levando em consideração o padrão relacionado ao desenho, possíveis defeitos na costura, tecido ou acabamentos que possam levar à rejeição ou não da peça produzida.

7) Expedição: é a fase final do processo, corresponde à dobragem, passadoria se for o caso e embalagem da peça individualmente ou por lote.

Ressalta-se que os maiores avanços tecnológicos ocorridos no processo produtivo aconteceram nas fases de pré-costura (criação, elaboração de moldes e corte) com a utilização de *softwares* como CAD (*Computer-aided design*) e CAM (*Computer-aided manufacturing*) e outras versões, trazendo melhorias de tempo, evitando desperdício de matéria-prima e ajustando a flexibilidade produtiva. Embora tenham ocorrido avanços na tecnologia das máquinas de costura, não se pode dispensar a habilidade da mão de obra, já que a modernização dessas máquinas não eliminaram a forma como são operadas (SEBRAE, 2000).

De acordo com a Abravest (2009), a característica estratégica que distingue a indústria de confecção dos outros elos da cadeia têxtil é a fragilidade das barreiras de entrada, o que determina o grande número de empresas, principalmente de micro e pequenas empresas. Essa característica justifica-se pela reduzida tecnologia e investimentos necessários, em relação a outros elos da cadeia, como a simplicidade do processo produtivo. Mas o principal fator é, sem dúvida, o baixo custo da mão de obra, o que influencia a flexibilização e a migração regional e até mesmo internacional de unidades fabris.

A principal indústria correlata é a de máquinas e equipamentos utilizados por todos os segmentos da cadeia têxtil; as de maior investimento são as da fiação e tecelagem e os de menor investimento as das confecções. Nessa indústria, o Brasil é incipiente levando a cadeia a recorrer à importação, tendo como maiores fornecedores Alemanha, Japão, Suíça e Itália (SEBRAE, 2000).

Após a resumida descrição da cadeia têxtil, as próximas subseções traçam um panorama da indústria do vestuário em dois níveis de localização: mundial e nacional. São informações recentes que situam a indústria, contextualizando-a através de números necessários para o conhecimento prévio da realidade que se está estudando.

No que se refere à indústria da moda em nível mundial, de acordo com a Organização Internacional do Comércio (OMC), em 2009, as exportações mundiais de vestuário movimentaram aproximadamente US\$ 311,4 bilhões de dólares, apresentando a configuração conforme Tabela 1.

Analisando-se a tabela 1, observa-se que a Ásia acumula o maior percentual de exportações mundiais de vestuário, representando sozinha mais da metade das exportações.

Conforme a OMC (2008), somente a China respondeu com 30,6% do total das exportações mundiais em 2006, comprovando a sua competitividade nessa indústria.

Tabela 1: Representação das principais regiões exportadoras de vestuário em 2009

REGIÃO	VALOR (Bilhões de US\$)	PERCENTUAL DAS EXPORTAÇÕES MUNIDAIIS
Ásia	162,8	52,3 %
Europa	107,1	34,4%
América do Norte	13,0	4,2 %
Demais Regiões	28,50	9,10 %
Total	311,40	100%

Fonte: OMC (2009)

De acordo com Sachs (2004, p. 142), “as indústrias naturalmente intensivas em mão de obra (têxtil, confecções, sapatos, móveis, etc.) estão expostas a uma competição internacional acirrada, já que quase todos os países menos desenvolvidos apostam neste nicho de mercado.”

Conforme Gorini (2009, p. 19), o poderio de competitividade existente em alguns países periféricos tais como: Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong, Indonésia, Tailândia, Índia e Paquistão pressionaram produtores tradicionais têxteis (Estados Unidos e Europa) a realizarem mudanças em preços, qualidade, flexibilidade e diferenciação de produtos e também organizar o comércio em blocos econômicos, unindo as inovações tecnológicas do setor com o baixo custo de oferta de mão de obra abundante de países periféricos. Ainda de acordo com esta mesma autora, esses países periféricos “(...) passaram a atuar crescentemente na confecção, segmento que, apesar de todos os avanços tecnológicos, ainda permanece intensivo em mão de obra”. (GORINI, 2009, p. 20).

Monteiro Filha e Santos (2002, p. 115) corroboram afirmando que “(...) há uma tendência das grandes empresas ocidentais em abandonarem a produção de commodities, e passarem a ser organizadoras de cadeias produtivas através da terceirização da produção têxtil.”

Segundo Nordas (2004), o setor mundial de vestuário compreende dois segmentos industriais distintos: o primeiro situa-se no mercado da moda de alta qualidade, que utiliza tecnologia moderna, trabalhadores relativamente bem remunerados e desenhistas (estilistas) que possuem um alto grau de flexibilidade. A vantagem competitiva das empresas integrantes

desse segmento está relacionada com a habilidade de produzir produtos que seguem as preferências dos consumidores; estando localizadas em países desenvolvidos.

Esse segmento também se utiliza de uma quantia significativa de recolocação de produção e *outsourcing*³ com intuito de baixar os custos de produção. O segundo é caracterizado pela produção em massa de produtos de padrão de baixa qualidade como *t-shirts*⁴, uniformes, roupas íntimas, etc. Este segmento situa-se em países em desenvolvimento, empregando trabalhadores principalmente do sexo feminino, semiquilificados ou inexperientes, procede à terceirização através da produção doméstica.

Outro aspecto observado na indústria do vestuário em nível mundial é o crescente poder exercido pelo varejo em termos de compra e venda, principalmente as multinacionais (grandes lojas de desconto), as quais concentram o mercado. Além disso, o grande volume de produtos com marcas próprias é produzido em países periféricos aproveitando o baixo custo e preços competitivos. (NORDAS, 2004, p. 3)

Prochnik (2008, p. 9), ao comentar sobre as barreiras tarifárias impostas pelos países importadores da cadeia têxtil/confecções, afirma que a proteção nessa cadeia é maior em países desenvolvidos, principalmente na indústria do vestuário, a qual possui uma menor participação no Produto Interno Bruto (PIB).

Uma observação mais acurada esclarece que as tarifas aumentam conforme o maior nível de elaboração dos produtos têxteis/confecções, introduzindo um viés na estrutura produtiva dos países em desenvolvimento, pois motiva a manufatura de produtos menos apurados.

Pode-se observar, também, que muitos países, principalmente em desenvolvimento, utilizam-se de tarifas de importação altas para salvaguardar suas indústrias domésticas da ofensiva de produtos importados com preços altamente competitivos. “(...) outra tendência mundial são o aumento de numerosos acordos regionais envolvendo a concessão de preferências tarifárias e acesso favorecido” (PROCHNIK, 2008, p. 9), utilizando-se de uma estratégia comercial para aumentar o volume de exportações de produtos têxteis/confecções pelos países, principalmente os em desenvolvimento.

³ Refere-se a atividade de compra de bens e serviços de fontes externas, em oposição ao suprimento interno (produção própria). Significa praticamente designar serviços a terceiros, sendo que este trabalho demanda equipamentos, *know-how* e mão de obra especializada.

⁴ Tradução: camiseta. É uma peça de vestuário muito simples e bastante confortável, feito normalmente em algodão. Tendo um decote redondo e mangas curtas em formato de T, daí o nome conhecido no mundo da moda de *T-shirt*, tratando-se de uma peça *unisex*.

No que se refere à indústria da moda em nível nacional, de acordo com o Instituto de Estudos *Marketing* Industrial (IEMI, 2009), o número de unidades fabris da indústria do vestuário, nos últimos 14 anos, apresentou um crescimento percentual de 28,3%, com um patamar de 17.066 unidades em 1995 para 31.898 em 2009. Esse fator pode ser relacionado com a terceirização de partes do processo produtivo, facilitando a entrada de um grande número de firmas de pequeno porte. (IEMI, 2009).

Cabe ressaltar que, nos últimos anos, a indústria do vestuário sofreu realocações entre os estados da federação, estas atribuídas a incentivos governamentais estaduais, sobretudo incentivos fiscais e de crédito, levando a mobilidade de empresas em busca de vantagens no custo de produção. (ABRAVEST, 2008).

Lupatini (2007) afirma que, na década de 1990, ocorreu no Brasil um crescente deslocamento regional das empresas, transferindo-se da região Sudeste para a região Nordeste, bem como houve um fortalecimento na região Sul. Esse fenômeno justifica-se pela busca, por parte das empresas, de menores custos de mão de obra, incentivos fiscais e de crédito disponibilizados pelos governos estaduais e também pela esfera federal. A estratégia de deslocamento dessas empresas é feita pela implantação de unidades produtivas ou por terceirização/subcontratação produtiva. Os efeitos desses deslocamentos podem ser descritos pela redução de 81,04% em 1991 para 59,22% em 2001, na região Sudeste; no sentido contrário, aumento da participação da região Nordeste em 2,5 vezes e da região Sul em 2,0 vezes (LUPATINI, 2007).

A geração de empregos formais na indústria do vestuário, nos últimos 14 anos teve um decréscimo de 18,7%, passando de 1.468.127 em 1995 para 1.193.918 em 2009. Essa redução está diretamente ligada à crise de mercado, ocasionada pela entrada de produtos, via importação, principalmente asiáticos, com baixo custo de produção, levando as firmas brasileiras a se reestruturarem através de investimentos em modernização do parque de máquinas, aplicação de novas tecnologias ao processo com intuito de aumentar a eficiência e a competitividade (IEMI, 2009).

A produção na cadeia têxtil brasileira nos últimos 14 anos, de acordo com o relatório BRASIL TÊXTIL (2009)⁵, conforme a tabela 2, apresenta em todos os elos um percentual positivo, demonstrando que através de investimentos e melhoria de processos, as empresas produziram maiores quantidades de produtos.

⁵ Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira

Tabela 2: Produção em toneladas da cadeia produtiva têxtil e de confecções (1995/2009)

Segmento	1995	2005	2009	Evolução %
Fiação	1.066.914	1.294.159	1.845.408	26,1
Tecelagem	875.153	1.314.312	1.969.382	56,5
Malharia	350.760	554.229	909.485	73,8
Confecção	1.216.949	1.747.439	2.544.427	43,3
Total	3.509.776	4.910.139	7.268.702	199,70

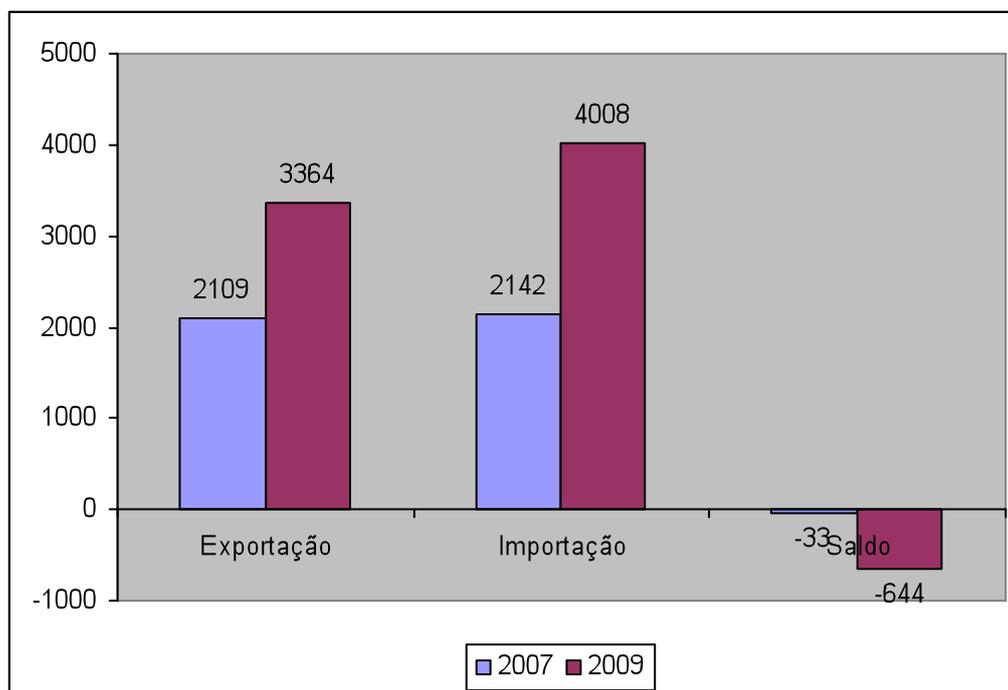
Fonte: IEMI/ABIT (2010)

Além disso, o aumento da demanda interna, provocado pelo controle inflacionário, possibilitou a melhoria do poder aquisitivo do brasileiro. A indústria do vestuário gerou, em 2006, um total de receita bruta de 30,2 bilhões de dólares, representando 15,38% do total do PIB da indústria de transformação e participação de 2,83% no PIB total do país, demonstrando que possui uma importância na economia para o país (IEMI, 2009).

Em relação ao comércio exterior no ano de 2009, as exportações de produtos de confecção nacionais atingiram a marca de US\$ 631.818,24, tendo uma representatividade de 26,72% do valor total de receitas com exportação pela cadeia. Em números absolutos a quantidade exportada foi de 70.988,45 toneladas de peças confeccionadas, o que corresponde a 43,70% de tudo o que foi exportado pelo segmento têxtil/confecção (ABIT, 2010).

Mesmo com esses valores obtidos, a balança comercial do setor têxteis/confecções manteve-se em déficit (gráfico 1); isso quer dizer que as compras de produtos dos elos são adquiridas fora do país por diversas razões: menor preço, mesmo com medidas governamentais de controle de alguns produtos com maiores alíquotas de impostos de importação; produtos diferenciados e falta de matérias-primas obrigando as empresas a comprarem de empresas estrangeiras.

Coutinho e Ferraz (1995, p. 324), em sua obra intitulada “Estudo da competitividade da indústria brasileira”, relatam que, no complexo têxtil brasileiro, “o reduzido grau de integração da cadeia produtiva tem-se manifestado tanto através de estratégias de verticalização inadequadas como, no contexto atual de abertura comercial, nos conflitos entre os principais elos da cadeia”.

Gráfico 1: Balança comercial brasileira do setor têxtil e de confecção (US\$ Milhões)

Fonte: MDIC/ALICEWEB/ABIT (2010)

Segundo esses mesmos autores, a principal limitação de competitividade do complexo têxtil é a falta de mecanismos capacitadores de tecnologia e gestão, principalmente para as micro e pequenas empresas. O agravamento desse problema está na excessiva subcontratação de serviços de pequenas empresas, havendo freqüentemente uma relação conflitiva entre as partes.

Conforme Coutinho e Ferraz (1995, p. 324) “no Brasil, a integração produtiva tem visado apenas à redução de custos diretos, sem grandes preocupações com qualidade.” De acordo com os autores, a integração produtiva não visa ao aperfeiçoamento e ganhos de produtividade na cadeia e sim apenas facilidades de economicidade com encargos e tributos, impedindo uma cooperação maior dos agentes produtivos para melhoria da qualidade e da eficiência da indústria.

Sobre o complexo têxtil, os autores são enfáticos ao retratar que a infraestrutura tecnológica é um fator chave na busca da competitividade pelas empresas de pequeno porte. Há também, uma heterogeneidade nos centros de pesquisa e apoio, sejam eles públicos ou privados, levando a um desnivelamento em pesquisas e inovações em regiões produtivas. Somente empresas de grande porte e exportadoras conseguiram reunir características

inerentes à competitividade, esse é um dado alarmante, dado que a maioria dos empreendimentos é de micros e pequenas empresas (COUTINHO e FERRAZ, 1995).

3.2 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO SETOR ATUALMENTE

Para Sobotta (2009), após a superação da crise da década de 1990, a produção contínua da moda mostra-se frente à competitividade mercadológica. É relevante apontar que, ultimamente, aconteceram muitas evoluções e mudanças na indústria da moda brasileira, desde sólidos investimentos e novas adaptações nas fábricas até gloriosas presenças de estilistas do Brasil nos desfiles de moda de Paris e de Londres.

Houve uma qualificação dos produtos e alteração nos processos de projeto e de produção, por meio do desenvolvimento de estratégias com foco na competitividade com o exterior através de melhores projetos, melhoria de produtos, prestação de serviços ao cliente, marcas individuais e acesso a estratégias de marketing.

“As indústrias têxteis e de vestuário ocupam, juntas, a quarta maior atividade econômica mundial, seguido da agricultura, o turismo e a informática” (LEAL, 2002). O favorecimento do aumento da produção da moda no âmbito econômico nacional pode ser justificado pelos seus atuais indicadores. É relevante tomar conhecimento que os dados exibem diferenças conforme a fonte, inclusive as oficiais.

No âmbito produtivo, a cadeia apresentou em material têxtil fabricado, aproximadamente, 79 milhões de toneladas em 2000 (LUPATINI, 2007).

“O retorno da indústria têxtil-vestuário brasileira chegou, em 2001, a 36,7 bilhões de dólares. Desta quantia, o segmento de fibras reuniu 1,2 bilhões de dólares, o têxtil 14,1 bilhões e o de confecções 21,4 bilhões de dólares” (IEMI, 2002, p. 32).

O Brasil está entre os maiores produtores da indústria têxtil-vestuário, destacadamente em tecidos de malha é o segundo maior produtor mundial, atrás apenas dos Estados Unidos. Nos outros segmentos sua posição também não fica muito abaixo, sendo: (a) o sexto maior produtor de fios e filamentos; (b) sétimo em tecidos; (c) quinto em confecção no ano de 2000 (LUPATINI, 2005).

“O Brasil encontra-se entre os dez maiores produtores mundiais de fios, filamentos, tecidos e malhas, e principalmente de algodão, o país é o maior produtor de algodão da América Latina e o oitavo maior produtor mundial” (CENESTAP, 2003).

A produção têxtil nacional teve uma subida moderada entre 2001 e 2008: média de 1,5% ao ano na produção de fios; média de 2,9% ao ano na fabricação de

malhas e a indústria de tecidos planos acumulou uma taxa de 3% ao longo da década. No ano de 2003, a produção de fibras aumentou 10,5% e quanto ao setor de malharia, 7,8% (REVISTA TÊXTIL, 2009).

O Brasil é inclusive visto como potencial consumidor industrial de fibras e fios têxteis naturais. Em 2004, segundo informações da *International Textile Manufacturers Federation* (ITMF), o país apresentou um crescimento no consumo de fibras em 10% (REVISTA TÊXTIL, 2009).

No começo dos anos 1990, após a liberação do governo abrir espaço para importações, o setor funcionava com maquinários ultrapassados, com mínima produtividade. Dessa forma, as importações de produtos têxteis pularam de cerca de US\$70 milhões nos anos 1980 para US\$ 2,5 bilhões em 1990. Na chance da perda de relevante fração do mercado ao competir com produtos importados, fundamentalmente da Ásia que estavam atingindo o mercado a preços bem inferiores, o setor têxtil entrou em crise e as empresas tiveram que se modernizar de modo ligeiro (SOBOTTA, 2009).

A retratação pelas pesquisas sobre investimento na indústria realizadas pelo CNI e CEPAL, a primeira metade dos anos 90 caracterizou-se por investimentos emergenciais, com vistas à redução de custo e reposição de equipamentos, ou seja, não voltados ao aumento da capacidade produtiva ou ao lançamento de novos produtos. Verifica-se, então, um esforço para o aumento da produtividade da indústria que afetou não só a produtividade da mão de obra como também a do capital (CNI, 2001, p. 17).

Dessa forma, a produção têxtil da moda era suficientemente independente e oferecia produtos padronizados e de baixa qualidade a uma população que desconhecia diferenças entre quais eram os bons produtos.

Apesar de todas as dificuldades vividas pelo setor desde o Plano Real, o retorno à abertura do mercado foi marcado pela iniciativa de implantar modernas máquinas e profissionais qualificados, sendo investidos US\$ 7,1 bilhões, sendo destes, US\$ 5 bilhões unicamente em equipamentos de última geração, e ainda, o objetivo era investir mais de US\$ 12,3 milhões até 2008, segundo o Fórum de Competitividade da Cadeia Produtiva Têxtil (SOBOTTA, 2009).

Sobotta (2009) comenta que estes investimentos foram convertidos em melhorias no parque industrial produtivo das indústrias têxtil e de confecção. Contudo essa mobilização não esteve ligada ao crescimento e desenvolvimento do setor nacional de equipamentos

têxteis, o qual mostrou despreparação do setor, com quebra de empresas nacionais e encerramento de empresas estrangeiras.

Atualmente, a indústria têxtil e de vestuário brasileira parece estar mais forte e capaz de fazer frente à competição internacional, fato que se deve ao investimento significativo no setor. Segundo a ABIT, o investimento situa-se numa média anual de mil milhões de dólares durante os últimos sete anos e a indústria espera manter este nível no futuro (CENESTAP, 2003, p.13).

Em consequência dos investimentos efetuados no setor, a produção têxtil da moda complementou a produção e a qualidade do produto, relacionadas aos serviços melhores e a adequação ambiental. É essencial destacar que, por meio destes investimentos, as maiores empresas que produzem algodão atingiram um nível muito avançado em tecnologia semelhante ao de empresas internacionais de ponta.

As áreas de fiação, tecelagem e tinturaria/estamparia receberam os gastos totais em tecnologia de ponta, sendo que uma grande parte da produção total começou a ser produzida por equipamentos novos e modernos. Entretanto, a cadeia em estudo continua orientada para o mercado interno. Várias razões dificultam as exportações, incluindo o custo de mão de obra, a distribuição geográfica, a escala autossuficiente do mercado e a intensa presença de micro e pequenas empresas (SOBOTTA, 2009, p.45).

Sobotta (2009) afirma que a maioria das empresas desse microcomplexo volta-se essencialmente para o mercado interno e, mesmo com baixos salários, não atingem destaque no mercado internacional.

A cadeia de produção têxtil brasileira foi muito atingida com a abertura do mercado em 1990, na qual não estabeleceu instantaneamente ferramentas que dessem proteção a indústria contra as importações subfaturadas e o *dumping* comercial. Acrescenta-se o fato de que:

O setor têxtil no Brasil historicamente criou-se por meio da internacionalização de todas as suas atividades produtivas, possuindo como foco um mercado praticamente livre de produtos estrangeiros, com baixos índices de produtividade e baixos investimentos em tecnologia de ponta (também em função da grande instabilidade macroeconômica da década de 80) (SOBOTTA, 2009, p. 30).

Atualmente, o país concorre com menos de 1% no negócio têxtil internacional, sendo a parte mais representativa das exportações brasileiras referentes ao ramo em questão. As confecções, inclusive, têm participação com insignificante parcela nas exportações, visto que é o ramo que mais cresce em termos de valor mundial exportado (CENESTAP, 2003).

Apenas em torno de 14% do total das empresas do segmento têxtil de moda possuem um aspecto exportador. Dentro das indústrias que o fazem, as vendas feitas para exportação são responsáveis em média por cerca de 20% da sua produção (CENESTAP, 2003).

“A maior parcela das exportações ainda se dá por meio de produtos mais simples, de menor valor unitário, isto é, destinados aos mercados mais dinâmicos em nível internacional” (SOBOTTA, 2009).

4 FEIRAS E SHOWS

Ainda que as feiras internacionais, missões comerciais e círculo de negócios sejam relevantes chances para aumentar as exportações de têxteis e de confecções nacionais, as semanas de moda que são realizadas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo são fundamentais na decisão para consolidação da imagem da moda nacional.

A “São Paulo *Fashion Week*”, a exemplo, começou em 1996 e é a 5ª maior semana de moda do mundo, muito vista inclusive por compradores internacionais e que, na sua última edição, teve a cobertura de 80 veículos da imprensa internacional (ABIT, 2010).

O “*Fashion Rio*”, existente há oito anos, já é considerado um relevante evento que move o segmento e atrai grandes redes de varejo, que realizam negócios no “*Fashion Business*” e “*Rio-à-Porter*”, feiras de negócios montadas paralelamente à semana de moda.

As semanas de moda são o auge do trabalho da produção têxtil, terceira indústria que mais fornece emprego no país e que em 2008 faturou cerca de R\$ 74 bilhões, produzindo um total de 1,5 milhões de empregos diretos (ABIT, 2010).

Constituem a parte mais alta da pirâmide do setor têxtil, sendo a base desta uma grande estrutura formada por milhares de confecções, centenas de tecelagens e fiações, a disposição de muitas toneladas de algodão, seda, lã, fibras sintéticas e artificiais, manipuladas pelo talento e vigor de mulheres e homens. Uma indústria que faz sucesso pois investe em modernização e tecnologia e se condiciona a métodos organizacionais modernos, possui escala na produção, custo competitivo e investimentos adequados com uma atividade voltada para capital.

Corroborando com este mesmo pensamento, Braga (2010):

O mercado brasileiro de moda desenvolve anualmente, entre feiras e *shows*, cerca de 50 eventos. Os dois eventos mais importantes, o São Paulo *Fashion Week* (SPFW) e o *Fashion Rio*, constituem importantes vitrines para o mercado externo, já que os dois eventos já foram incluídos no calendário internacional oficial da moda, e recebem visitantes do mundo inteiro. Durante o *Fashion Rio*, por exemplo, acontece a maior bolsa de negócios de moda do Brasil, o *Fashion Business*. Em sua edição de janeiro de 2010, o *Fashion Business* movimentou R\$ 550 milhões em vendas, dessas US\$ 18 milhões foram para compradores do mercado externo. A participação de empresas brasileiras em eventos internacionais já ultrapassa 30 por ano e também funciona como canal para o mercado externo (BRAGA, 2010, p.99).

O país hoje possui profissionais bastante capacitados e criativos, produzindo tecidos de qualidade e padronagens têxteis que trazem em si muito da identidade nacional, que agradam

o mercado mundial. Apesar da moda brasileira ainda estar muito atrelada ao que acontece no hemisfério norte, muitos dos estilistas nacionais mais renomados começaram a utilizar matérias-primas encontradas no país e procuram uma identidade própria e, dessa forma, conquistam um mercado externo atento a novidades.

O Brasil está na lista dos 10 principais mercados mundiais da indústria têxtil, bem como entre os maiores parques fabris do planeta; é o segundo principal fornecedor de índigo e o terceiro de malha, está entre os cinco principais países produtores de confecção e é hoje um dos oito grandes mercados de fios, filamentos e tecidos (ABIT, 2010).

Atualmente já existem 30 mil empresas que produzem fibras naturais e químicas (não-naturais), de fiações, de tecelagens, de confecções e de moda dissipadas pelo Brasil (ABIT, 2010).

5 TENDÊNCIA MUNDIAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL/MODA

Em meados da década de 1970, houve uma alteração na dinâmica produtiva, promovendo uma nova fase onde a automatização dos processos passa a ser uma constante. Com este novo paradigma, “a introdução da microeletrônica na produção, a constante mudança nos processos, e a intensificação da comercialização entre diversos mercados, passaram a ser fatores determinantes para a competitividade de todas as indústrias”, e especialmente para a indústria têxtil/confecção. (FERNANDES, 2008, p.12)

Atualmente a tendência mundial da indústria têxtil/confecção é pautada em um novo padrão produtivo, em novos métodos de comercialização e novas formas de concorrência entre as empresas (FERNANDES, 2008).

Pode-se observar que os reflexos deste novo paradigma sobre à indústria têxtil/confecção são:

A constituição de parques industriais mais sofisticados tecnologicamente, o auxílio e/ou internalização constante de laboratórios de P&D (pesquisa e desenvolvimento) e institutos de pesquisa, a desverticalização das grandes empresas, e a concentração das atividades em atividades mais rentáveis da cadeia (FERNANDES, 2008, p.13).

Desta forma, além do preço e qualidade, exercem papel de suma relevância na competitividade da indústria “a diferenciação dos produtos, a comercialização, o *design* e a marca” (HENSCHER, 2008, p.25).

Portanto, os elos da cadeia mais intensivos em mão de obra são voltados para os países em desenvolvimento, ao passo que os países desenvolvidos convergem suas atividades nos segmentos que mais acrescentam valor, por meio de um intenso processo de desverticalização.

A gestão da cadeia é realizada de forma centralizada, ao passo que a produção é realizada de forma fragmentada, sempre em prol de custos de mão de obra mais baixos. Essa dinâmica da cadeia é viável devido aos baixos investimentos iniciais pertinentes a instalação de unidades fabris, uma vez que a tecnologia das etapas intensivas em mão de obra é fortemente difundida.

Nesse mesmo sentido, Fernandes (2008) cita que:

Este processo de terceirização internacional de etapas produtivas menos intensivas em valor, segrega aos países ricos o desenvolvimento de novas tecnologias que permitem que haja a continuidade da distribuição da produção e

do valor da produção da cadeia, nos termos em que ela se encontra (FERNANDES, 2008, p.14).

Portanto, a indústria têxtil/confecções possui uma relação de dependência que possibilita as grandes empresas a continuidade desta relação, uma vez que são mínimas as oportunidades das micro e pequenas empresas atuarem nos segmentos mais lucrativos da cadeia, em consequência do alto custo do capital necessário. Um bom exemplo deste novo paradigma é o caso da China que se destaca apresentando o maior volume de produção de têxteis e confecções, seguida da Índia.

Conforme explicitado, a maior parte da produção destes países se deve essencialmente ao fato da abundante mão de obra que estes possuem. Entretanto, os países mais ricos, mesmo não sendo os grandes produtores, aparecem com destaque por serem os maiores exportadores, especialmente no tocante à exportação de têxteis, uma vez que estes são setores menos intensivos em mão de obra e mais intensivos em capital.

No que se refere às importações, os países desenvolvidos se situam entre os maiores consumidores de confeccionados, levando a concluir que possivelmente as confecções estejam concentradas nos países em desenvolvimento.

A partir destas novas relações pode-se constatar o surgimento de um novo padrão de concorrência na indústria têxtil/confecção, em âmbito mundial. As características atuais de competitividade da indústria têxtil/confecção são consequência do movimento de reestruturação produtiva acontecido no Brasil na década de 90, onde se firmou um novo paradigma técnico-produtivo, e alavancou novos países produtores como concorrentes em âmbito mundial.

Segundo Fernandes (2008):

O novo paradigma técnico-produtivo da indústria têxtil/confecção não impõe mais apenas preço e qualidade como determinantes de competitividade das empresas têxteis e confeccionistas. Na reestruturação produtiva, fatores como flexibilização da produção e a diferenciação de produtos são indispensáveis para fortalecer a competitividade das empresas (FERNANDES, 2008, p.15).

Sendo assim, depois da abertura comercial as empresas tiveram que investir grande quantidade de capital em tecnologias de concepção, processo, vendas e produtos para, dessa forma, especializarem-se em nichos de mercado com maior valor agregado.

A criação de cadeias produtivas pautadas na terceirização da produção foi a maior mudança que favoreceu o crescimento da competitividade para as empresas, pois assim as

empresas viabilizaram a flexibilização de sua produção. Nesse cenário, aconteceu não somente uma reorganização produtiva interna, mas também externa, afinal os países começaram a se especializar desde a fase da produção, uma vez que estas possuem maior valor agregado.

Observa-se, dessa forma, que as particularidades desse novo padrão são de suma relevância para as áreas de *design* e comercialização, ressaltando que muitas empresas atuam “terceirizando as atividades produtivas; a flexibilidade para atender a demanda em constante transformação; e uma grande especialização da mão de obra” (FERNANDES, 2008).

No atual cenário produtivo da indústria têxtil e de confecção os fatores preponderantes para a competitividade são outros. Henschel (2008) coloca que:

Fatores como disponibilidade de matérias-primas, baixos salários, prolongados incentivos fiscais, política cambial favorecida, entre outros, cederam lugar a estratégias como aumento da relação capital/produto, crescimento da mão de obra qualificada, avanços na fabricação de produtos mais sofisticados, fortalecimento da cooperação inter-firmas em níveis vertical e horizontal, maior flexibilidade produtiva frente às mudanças no ambiente econômico, aumento da diversificação dos tipos de tecidos produzidos, maior proximidade com o consumidor final, eliminação de perdas, etc. (HENSCHEL, 2008, p.28)

Portanto, além da qualidade e funcionalidade dos tecidos produzidos ao longo da cadeia, o *design* e a marca compreendem atualmente, no padrão de concorrência, fatores essenciais para o êxito ou o fracasso de um produto têxtil específico.

Assim, viu-se que o atual paradigma produtivo levou a indústria têxtil/confecções a sofrer grandes mudanças na sua dinâmica produtiva, tecnológica e comercial. Essas mudanças estão diretamente relacionadas a uma realocação da produção, de modo que os países mais desenvolvidos são hoje detentores das fases mais intensivas em capital e tecnologia e das fases que mais geram valor ao produto.

Fernandes (2008, p.89) entende por fases intensivas em capital e tecnologia “a produção dos bens de capital usados no setor e o desenvolvimento de novas fibras; enquanto que as etapas intensivas em mão de obra e recursos naturais são direcionadas aos países periféricos”.

Este mesmo autor coloca que:

Esta nova configuração afeta a distribuição da cadeia têxtil tanto em termos de apropriação do valor adicionado como na localização das etapas que dão origem aos novos padrões tecnológicos que irão vigorar em toda a cadeia. Como as etapas mais intensivas em capital estão concentradas, as decisões sobre o que e como produzir também estão, restando aos países em desenvolvimento acatar o padrão produtivo imposto sem grandes condições de contestar sua posição dentro da cadeia têxtil/confecções internacional (FERNANDES, 2008, p. 90).

Prochnik (2008) ressalta os aspectos que levaram a indústria têxtil/confecção a assumir uma característica migratória:

O caráter migratório da indústria de confecções advém da relevância do pagamento de salários mais baixos para sua competitividade, treinamento relativamente simples requerido pela sua força de trabalho e poucos requisitos de infraestrutura para sua instalação (PROCHNIK, 2008, p. 7).

Há uma maior capacitação tecnológica nesses países, de forma que as novas soluções tecnológicas permitem aos mesmos uma produção de maior qualidade, quantidade e menor necessidade de uso de mão de obra.

Gorini (2009, p.7) coloca que “as empresas deste segmento são basicamente empresas de grande porte, e encontram-se normalmente localizadas em diversos países, possibilitando que suas inovações tecnológicas possuam maior alcance internacional”.

Os motivos para que os países mais desenvolvidos ditem o padrão de *design* a ser usado se refere à sua capacidade de consumo. Esta capacidade de consumo é que determinará o estilo das novas coleções de vestuário, transpondo depois estes estilos para a maioria dos países do mundo. Gorini (2009, p.7) cita que “as grandes marcas internacionais são resultado desta capacidade empresarial de criar um padrão de *design*”.

Os países centrais, tendo suas representações feitas por suas empresas, é que estipulam a distribuição das fases de produção da cadeia têxtil de acordo as vantagens produtivas de cada país, restando para os países menos desenvolvidos as fases em que estes apresentam maiores vantagens competitivas, não havendo para estes últimos nenhuma possibilidade de escolha. Estas fases encontram-se especificamente correlacionadas às intensivas em mão de obra e recursos naturais.

Fernandes (2008) cita como exemplo da transferência das fases produtivas demonstrando o fluxo de grande parte da produção americana de vestuário:

(...) os tecidos produzidos nas modernas tecelagens americanas seguem para o México para receber o acabamento e em seguida para as confecções em países da América Central como El Salvador, e em seguida retornam aos Estados Unidos para que recebam a etiqueta com a marca, e posteriormente ingressam no mercado mundial com o preço determinado na etapa de colagem da etiqueta (FERNANDES, 2008, p. 91).

Neste cenário, as empresas desconcentram suas atividades e se especializam somente nas funções que geram maior valor, possibilitando as empresas gerenciar toda a rede de fornecedores e distribuidores. Esta distribuição recebe o nome de Governança.

De acordo com Lupatini (2007, p. 20) “existem três tipos governança na cadeia têxtil/confecção: (i) Produtores com marca; (ii) Comercializadores com marca; e (iii) Varejistas com marca”.

Os produtores com marca são empresas que depois de darem a devida atenção a todas as fases da produção do vestuário, da compra de matéria-prima até a comercialização (operações verticalizadas), foram pouco a pouco desvirtuando seu objetivo, passando a preocupar-se mais com as atividades menos importantes da cadeia, ou seja, com *design*, *marketing*, comercialização, e obviamente com a marca.

Entretanto, estas empresas ainda gerenciam parte das atividades de produção, sendo a outra parte terceirizada (FILHA e SANTOS, 2008). Levi Strauss & Co, nos Estados Unidos, e Benetton, na Europa, são exemplos de governança de produtores com marcas.

Os comercializadores com marca não se encontram relacionados com as etapas de produção, e sendo assim acabam por direcionar suas forças para as fases e funções de menor importância, como no *design*, *marketing* e comercialização. Portanto, o comercializador de marca geralmente possui a certificação da qualidade do produto e consegue testá-lo em condições laboratoriais (FILHA e SANTOS, 2008), uma vez que exige do subcontratado competência para desenvolvimento das especificações do processo de produção, a exemplo deste tipo situação pode-se evidenciar a marca Nike.

O terceiro modo de coordenação da produção refere-se aos varejistas com marca, que possuem os canais de comercialização dos produtos, como a coordenação que é executada pela C&A, onde a empresa foca suas atividades no *design*, negociação com fornecedores, e gerenciamento das marcas. Segundo Fernandes:

Através desta forma de coordenação, é possível controlar mais harmonicamente todos os processos produtivos, fazendo com que as estratégias mercadológicas e tecnológicas sejam desenhadas abrangendo todos os elos da cadeia e trazendo dinamismo às mudanças no padrão de produção, dos produtos e dos canais de comercialização. Esta harmonia também proporciona maior agilidade no desenvolvimento dos processos tecnológicos em função que se sabe onde quer chegar com aquela inovação, e o seu reflexo em cada uma das etapas da cadeia. De maneira que se pode até desenvolver as inovações complementares nos outros elos em função da inovação maior que deu origem ao processo, através da governança centralizada (FERNANDES, 2008, p. 92).

O Brasil não faz parte nenhum dos blocos principais de comércio internacional, dessa forma acaba não recebendo parte da produção desverticalizada dos países desenvolvidos, e nem transferindo parte de sua produção para os países menos desenvolvidos ao seu redor.

Segundo Fernandes (2008), a fragilidade das relações comerciais do MERCOSUL, bem como sua distância geográfica no que se refere aos principais países produtores e consumidores do setor têxtil e de confecções são os maiores empecilhos para a entrada do Brasil de forma competitiva na cadeia têxtil/confecção internacional.

Há de ressaltar também que países como China, México e Brasil são possuidores de uma grande parcela de mão de obra de baixo custo, bem como de uma enorme especialização na produção de tecidos pouco intensivos em capital. Geralmente os produtos possuem uma padronização, com baixa diversidade, e por isso baixo valor agregado. Afora a grande demanda interna que estes países têm, é de se ressaltar também a comercialização dos produtos de baixo valor agregado para países que não possuem uma indústria têxtil capaz de suprir suas necessidades.

Fernandes (2008) cita que:

Apesar da produção desses países ser voltada para mercados menos exigentes, ainda assim ocorre a busca por melhores métodos de produção que visem reduzir o custo de produção. Sendo assim, a introdução de inovações em processo também faz parte das estratégias destas empresas (FERNANDES, 2008, p.93).

Estes países também fazem cópia do *design* e dos padrões administrativos das grandes empresas que orientam sua produção aos países menos desenvolvidos, absorvendo com isso parte do aparato tecnológico usado nos países desenvolvidos, havendo com isso um *spill over*⁶, o que se denomina de ‘transbordamento tecnológico’.

É relevante destacar que “embora o processo de confecção esteja sendo feito nos países periféricos, os produtos retornam aos países de origem para receber as etiquetas que dão a eles maior valor agregado ao produto” (PROCHINICK, 2008, p. 7).

A Tabela 3 (encontrada na página seguinte) oferece uma visão do perfil atual do Setor Têxtil/Confecção do Brasil.

Para finalizar, é importante ressaltar que os países menos desenvolvidos ocupam uma posição de subordinação que somente será invertida no instante em que os mesmos invistam nas fases da cadeia mais dinâmicas e de maior valor agregado, tais como: os bens de capital, elaboração de filamentos mais sofisticados e as etapas de *design*, comercialização, e estabelecimento de marcas.

⁶ Tradução: transbordamento.

Tabela 3: Perfil do Setor Têxtil/Confecção

Perfil do Setor Têxtil e de Confecção Brasileiro
6ª maior produtor têxtil do mundo
Autosuficiência em algodão, com produção de 1,4 milhão de toneladas
Produz 7 bilhões de peças de vestuário/ano
2º maior produtor mundial de índigo
3º maior produtor mundial de malha
5º maior produtor mundial de confecção
7º maior produtor mundial de fios e filamentos
8º maior produtor mundial de tecidos
30 mil empresas instaladas
Empregada 1,5 milhão de trabalhadores
US\$ 25 bilhões de faturamento (2008)
US\$ 2,08 bilhões em exportação (2008)
US\$ 656 milhões de superávit na balança comercial do setor (2008)
28 Faculdades de moda
5ª Maior Semana de Moda do mundo

Fonte: ABIT (2010)

6 CONCLUSÃO

A partir dos estudos realizados verificou-se que a “moda” é um fenômeno relativamente recente. A sua vitalidade provém, em parte, da necessidade de se conquistar ou manter uma determinada posição social, do aspecto psicológico agregado às vestimentas, bem como da idéia de *status*.

Após a Segunda Guerra Mundial houve uma intensa busca pelas vestimentas “da moda” por parte das massas populacionais crescentes nos centros urbanos. Inicia-se também a popularização da televisão, que passa a influenciar o gosto e a forma de se vestir. Observa-se, igualmente, o surgimento das revistas femininas divulgando as tendências da moda, influenciando o consumo das vestimentas da moda pela população. Desta forma, após a II Guerra Mundial a moda passou a ser massificada dando origem a “indústria da moda”.

A partir da década de 1970, a indústria da moda, claramente, passa a produzir em larga escala, podemos citar, como exemplo, a produção massiva da calça *jeans*.

No estudo realizado ficou evidente a interação entre a indústria da moda e a indústria têxtil. A indústria têxtil abastece a indústria da moda com matérias-primas, e a relação inversa se dá na medida em que o setor de vestuário da moda gera uma demanda especializada para os produtos têxteis.

Verificou-se a enorme importância da indústria da moda para a produção têxtil, para a economia mundial e do país. Assim como a relevância das feiras de moda e *shows*, realizados principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, movimentando milhões de reais em vendas e incentivando as exportações nacionais, para gerar novas perspectivas para a indústria têxtil brasileira e para consolidar a imagem da indústria da moda nacional.

Mediante o estudo realizado, pode-se concluir também que a abertura comercial adotada pelo Brasil a partir dos anos 1990 causou uma série de transformações e reestruturações na economia como um todo.

Especificamente no que diz respeito à indústria têxtil, verifica-se que as transformações e as reestruturações foram muitas, visto que o setor, amplamente protegido até então, teve que se deparar com competidores internacionais mais capacitados e bem mais competitivos.

Dentre as estratégias adotadas pelo setor neste novo cenário encontram-se a diferenciação de produtos e a intensificação para a identificação entre marca e consumidor, através de características específicas do produto como *status*, conforto e *design*.

Verificou-se, através da análise dos dados coletados, que houve um intenso investimento em máquinas têxteis e em equipamentos, a fim de modernizar a produção e o parque industrial.

Cabe destacar que o segmento de fibras têxteis e o de tecidos foram os que, historicamente, apresentaram melhores desempenhos. Contudo, apesar do melhor desempenho competitivo, deve-se destacar que estes segmentos podem ser prejudicados devido aos novos fatores envolvidos nos acordos internacionais liberais de têxteis.

Devido a proposta de liberalização do setor têxtil mundial, posta em prática com o Acordo sobre Têxteis e Vestuários, que contempla mecanismos de proteção, como as cláusulas de salvaguarda e os direitos *antidumping*⁷, as exportações brasileiras de produtos e insumos têxteis podem ser prejudicadas. Além do que a indústria têxtil nacional será exposta ainda mais à concorrência com os importados de países mais competitivos, como por exemplo a China, visto que o Brasil não faz parte de nenhum acordo que contemple estes mecanismos de proteção.

De fato, a indústria têxtil brasileira encontra-se numa situação delicada. Isto porque, devido ao fato de ter sido amplamente protegida durante muitos anos, a mesma encontra-se frente a uma nova situação onde seu desempenho em termos de indicadores competitivos e econômicos encontra-se um pouco defasado frente aos seus concorrentes internacionais.

Portanto, acredita-se que para poder conquistar mercado internacionalmente, a indústria têxtil brasileira precisa se reestruturar, intensificando esforços de toda ordem, inclusive com o incremento das feiras de moda, para tornar-se mais competitiva e incentivar a formulação de acordos que levem em consideração os novos mecanismos em vigor neste novo cenário liberalizado que se tornou o mercado internacional de têxteis.

⁷ Prática comercial que consiste em uma ou mais empresas de um país vender seus produtos por preços extraordinariamente abaixo de seu valor justo para outro país.

7 BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO (ABIT). 2009. Disponível em: <<http://www.abit.org.br/>>. Acesso em: 26 out 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO (ABRAVEST). Disponível em: <<http://www.abravest.org.br/>>. Acesso em 28 out 2010.

BRAGA, A. C. D. C. **Alianças internacionais na indústria de moda: análises da adequação estratégica (Fit) e o processo de internacionalização da Osklen.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, Jan. 2010. Dissertação (Mestrado).

BRASIL TÊXTIL. **Relatório setorial da cadeia têxtil Brasil.** São Paulo: Ago. 2009. v.5 n.5.

CALDAS, D. **Observatório de Sinais: Teoria e Prática da pesquisa de tendências.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2004.

CENESTAP. **Ficha de Mercado: Brasil ITV.** Observatório Têxtil do CENESTAP. Centro de Estudos Têxteis Aplicados. Vila Nova de Famalicão, Portugal: CENESTAP, 2003.

CNI. **Produtividade do Capital na Indústria Brasileira.** Brasília: CNI - Confederação Nacional da Indústria, 2001.

COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira.** Campinas: UNICAMP, 1995.

DURAND, José Carlos. **Moda, Luxo e Economia.** São Paulo: Babel Cultural, 1988.

FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no estado de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 2008. Dissertação (Mestrado em Economia).

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Básico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988.

FILHA, Dulce Corrêa Monteiro; SANTOS, Angela Maria Medeiros M. **Cadeia Têxtil. Estruturas e Estratégias no Comércio Exterior.** Brasília: BNDES, 2008.

_____. **Cadeia Têxtil: Estruturas e Estratégias no Comércio Exterior.** Rio de Janeiro: BNDES Setorial, Mar. 2002. n. 15, p. 113-136.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

GERARDI, M. C. G. **Moda e Identidade no cenário contemporâneo brasileiro: uma análise semiótica das coleções de Ronaldo Fraga**. São Paulo: PUC-SP, 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica).

GORINI, Ana Paula Fontenelle. **Panorama do Setor Têxtil no Brasil e no Mundo: reestruturação e perspectivas**. Rio de Janeiro: BNDES Setorial, Set. 2009. n. 12, p. 17-50.

HENSCHER, Ricardo. **A reestruturação do setor têxtil-vestuarista de Brusque diante das mudanças econômicas dos anos 1990: uma abordagem à luz da noção de eficiência coletiva**. Florianópolis: UFSC, 2008. Dissertação (Mestrado).

HOLANDA, Sérgio B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL – IEMI. **Estudos Setoriais: o mercado e a indústria de vestuário no Brasil**. São Paulo: IEMI, 2002.

_____. **Relatório Anual Brasil Têxtil, 2009**. Disponível em: <<http://www.iemi.com.br/novo/mercado-textilvestuario-meias-acess.htm>>. Acesso em 20 out 2010.

IGLÉSIAS, Francisco. **Trajatória Política do Brasil: 1500 – 1964**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

LAVER, J. **A Roupas e a Moda: Uma História Concisa**. Tradução Glória de Melo Maria Carvalho – São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 11ª reimpressão.

LEAL, J. J. **Um Olhar sobre o Design Brasileiro**. São Paulo: Joice Joppert Leal, 2002.

LUPATINI, Márcio. **Relatório Setorial – Final/Têxtil e Vestuário, 2007**. Rede DPP – FINEP. Disponível em: <www.finep.gov.br/PortalDPP/relatorio_setorial_final/ao.asp?lst_setor=23>. Acesso em 24 out 2010.

NORDAS, Hildegum Kyvik. The Global Textile and Clothing Industry post the Agreement on Textiles and Clothing. Discussion Paper n. 5. **World Trade Organization**, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO – OMC. **International Trade Statistics 2007: Merchandise Trade by Product**. Disponível em: <http://www.wto.org/english/res_s/merch_trade_product_s.htm>. Acesso em: 25 out 2010.

PARTINGTON, A. **Popular Fashion and Working-Class Affluence**. In: ASH, J.; WILSON, E. (edited) *Chic Thrills – a fashion reader*. London: Pandora, 1992.

PRADO Jr., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

PROCHNIK, V. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira: Competitividade da Indústria Têxtil**. São Paulo: UNICAMP, 2008.

_____. **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio – cadeia: têxtil e confecções**, nota técnica final. São Paulo: Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia – UNICAMP-IE-NEIT, 2002.

REVISTA TÊXTIL. **Números divulgados pela ABIT e pelo IEMI revelam um ano de retomada de crescimento, mas as perspectivas para 2009 ainda são incertas com o fim do acordo Multifibras**. Disponível em: <www.revistatextil.com.br> Acesso em: 08 nov. 2010.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Classificação do Porte das Empresas pelo Número de Funcionários**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>>. Acesso em: 28 out. 2010.

SOBOTTA, A. **Brazil Fashion: a survey of the Brazilian clothing and fashion industry**. London, UK: British Council, Aug. 2001.

STEIN, S. J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850/1950**. Tradução Jaime Larry Benchimol – Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1979.

VEBLEN, T. **Pecuniary emulation**. In: CLARKE, D. B., DOEL, M. A.; HOUSIAUX, K. M. L. **The Consumption Reader**. London: Routledge, 2003.

VINCENT-RICHARD, F. **As Espirais da Moda**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.